



## A MENINA COM ALTAS HABILIDADES E O PRECONCEITO DE GÊNERO

Jeane Evangelista Alves Miranda <sup>1</sup>  
Marcia Raika e Silva Lima<sup>2</sup>

### RESUMO

A identificação de superdotados, independentemente do gênero, pode ser um desafio devido a diversas razões, e o preconceito de gênero é uma delas. Este resumo científico aborda a relação entre altas habilidades/superdotação em meninas e o preconceito de gênero que as afeta. O estudo apresenta discussões em torno dos estereótipos culturais e sociais de gênero que podem influenciar na identificação e na valorização de meninas superdotadas, impactando seu desenvolvimento acadêmico e emocional. A pesquisa aborda disparidades na identificação de talentos entre meninos e meninas, evidenciando a tendência de subestimar as capacidades intelectuais das meninas superdotadas. O ambiente educacional é analisado, destacando a importância de programas e abordagens inclusivas que reconheçam e apoiem as necessidades específicas das meninas superdotadas. A pesquisa sugere que meninas podem ser mais propensas a exibir inteligência social ou habilidades criativas, o que pode não ser reconhecido imediatamente como sinal de superdotação. Os autores que embasam esse estudo são Renzulli(1986), Gama (2007), Araújo (2016) entre outros, que pautarão as discussões sobre estratégias pedagógicas que visam quebrar estereótipos de gênero e promover um ambiente mais inclusivo para o florescimento de talentos femininos. A metodologia da pesquisa terá como sustentação a pesquisa qualitativa do tipo estudo de caso, neste resumo pode-se compreender estudos que sustentam as discussões acerca da temática da altas habilidades/superdotação e o gênero feminino, diante da urgência de conscientização e ação para superar os desafios enfrentados pelas meninas superdotadas, a fim de maximizar seu potencial e contribuição, significativamente, para a sociedade. O estudo contribui, ainda, para a reflexão e ação sobre equidade de gênero no contexto da educação de alunos superdotados, oferecendo insights valiosos para educadores, pesquisadores e formuladores de políticas interessados em promover ambientes educacionais mais justos e inclusivos.

**Palavras-chave:** altas habilidades, superdotação, menina, gênero, estereótipos.

---

<sup>1</sup> Mestranda do curso de Educação Especial e Inclusiva da Universidade Estadual do Maranhão - UEMA, [nanemiranda\\_@hotmail.com](mailto:nanemiranda_@hotmail.com);

<sup>2</sup> Professora Adjunta da Universidade Estadual do Maranhão- UEMA, [marciaraiika@hotmail.com](mailto:marciaraiika@hotmail.com).

## 1 INTRODUÇÃO

Quando falamos sobre educação inclusiva e necessidades educacionais especiais, normalmente relacionamos à situação de crianças com deficiência ou distúrbios de aprendizagem. No entanto, há outro público que se encaixa nesse aspecto: as crianças com altas habilidades/superdotação. Entre os tipos de altas habilidades/superdotação, apontam-se tradicionalmente: o tipo intelectual, que apresenta flexibilidade, independência, fluência de pensamento, produção intelectual, julgamento crítico e habilidade para resolver problemas, entre outros.

Muitas crianças com altas habilidades ou superdotadas são precoces, ou seja, apresentam alguma habilidade específica prematuramente desenvolvida em alguma área do conhecimento, como, por exemplo, na música, na matemática, nas artes, na linguagem, nos esportes ou na leitura.

Dentre muitos temas da educação de superdotadas(os), a problemática de gênero é fundamental, pois meninas e meninos, muitas vezes, nem mesmo são identificadas(os) por causa das representações de gênero, i.e., seu potencial se perde em meio ao horizonte de expectativas que lhes são depositadas quanto ao que devem supostamente cumprir conforme seu sexo.

As crianças com altas habilidades e superdotação (AH/SD), como todas as outras, merecem receber uma educação adequada – que lhes dê a oportunidade de desenvolverem-se integralmente. Em 1989, a Convenção das Nações Unidas sobre os Direitos da Criança já especificava a necessidade de fornecer oportunidades para permitir que todos os alunos alcancem seu pleno potencial.

Tal situação afeta, principalmente, as meninas que, comumente, são vistas como incapazes de ter desempenho e potencial elevados. Neste cenário, são muitos os fenômenos que influenciam a manutenção da desigualdade de gênero e este texto apresenta um exercício de pensamento para ampliar a compreensão sobre esta desigualdade ao partir da relação entre heteronormatividade e crenças de que AH/SD é inata e que superdotadas(os) têm sempre destaque em tudo, sendo tais mitos baseados por um tipo específico de racionalidade dentro do sistema sociopolítico.

## 2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

As Altas Habilidades/Superdotação (AH/SD) caracteriza-se pela elevada potencialidade de aptidões, talentos e habilidades, evidenciada no alto desempenho nas diversas áreas das atividades humanas incluindo as acadêmicas, demonstradas desde a infância. Tais áreas incluem, entre outras, as áreas intelectual, acadêmica, liderança, psicomotricidade e artes. A identificação de crianças com AH/SD tem se pautado na perspectiva teórica do Modelo dos Três Anéis. Nessa concepção, a AH/SD é decorrente da confluência de três fatores: habilidade intelectual acima da média, envolvimento com a tarefa e criatividade (GAMA, 2007).

O Brasil tem, atualmente, 24.424 estudantes com o perfil de AH/SD habilidades/superdotação matriculados na educação especial, de acordo com o Censo Escolar 2020. Todavia, o número real pode ser ainda maior, pois de acordo com a Organização Mundial da Saúde (OMS), 5% da população têm algum tipo de alta habilidade ou superdotação. E se forem considerados os mais de 47 milhões de alunos da educação básica (Censo Escolar INEP 2020 – MEC), aproximadamente 2,3 milhões de estudantes devem compor esse grupo. Apresentam-se como grandes desafios, neste cenário, a identificação, o reconhecimento de suas características, potenciais e necessidades educacionais e o atendimento de modo a proporcionar o pleno desenvolvimento do potencial desses estudantes na educação básica (ALMEIDA; CAPELLINI, 2005).

De modo geral, as Diretrizes Curriculares de Educação (MEC, 1995) conceitua o superdotado como educandos que apresentam notável desempenho e/ou elevada potencialidade nos seguintes aspectos, isolados ou combinados: capacidade intelectual, aptidão acadêmica, pensamento criador, capacidade de liderança, talento especial para arte, habilidades psicomotoras, necessitando atendimento educacional especializado. A superdotação constitui um aspecto básico da personalidade da pessoa talentosa, que lhe propicia revelar seu talento num nível superior, de maior abrangência, tanto cultural quanto social (AMORIM, 2016).

Cada criança, independentemente de sua capacidade, possui características de personalidade próprias que, devido à situação ou ambiente em que vive, levam a determinadas necessidades sociais e emocionais. Crianças com altas habilidades e superdotação, no entanto, podem ter necessidades afetivas adicionais resultantes de

sua complexidade cognitiva, maior intensidade de resposta, sensibilidade emocional, imaginação vívida, combinações de interesses únicos, características de personalidade e conflitos que são diferentes dos seus companheiros de idade (AQUINO, 2015).

Embora crianças a partir dos dois anos e meio de idade possam fazer testes para superdotação, a maioria dos diagnósticos vem por volta dos sete anos. Com o diagnóstico, a família deve começar a preparar o entorno para lidar com as minúcias de ter um filho superdotado. O desafio é estimular as potencialidades e equilibrar o cuidado para que a criança não adoeça pela cobrança ou superexposição às quais foi submetida (BILIMÓRIA, 2011).

A desinformação sobre o assunto corrobora para uma invisibilidade dos alunos com AH/SD e muitos educadores ainda relacionam a superdotação ao aluno com desempenho muito elevado nas atividades curriculares, ao ajustamento socioemocional, às habilidades psicomotoras e a um perfil proativo, realizador. Embora existam alunos com esse perfil, eles não retratam todo o universo da superdotação e, por isso, a formação dos educadores é muito importante, por terem a oportunidade do contato diário e de perceberem, em seus estudantes, indicadores de um potencial superior, habilidades, aptidões e desempenhos e assim encaminhá-los para um atendimento que propicie o desenvolvimento e a potencialização dos seus talentos e habilidades (BORBA, 2015).

As pessoas que possuem altas habilidades são muito criativa e tem facilidade para inventar situações, melhorando o processo de interação social. A capacidade de percepção da realidade, resolução de problemas, pode fazer de um superdotado, um jovem líder, onde a autoestima é usada para seu progresso individual como ser humano (CORREA; DELOU, 2016).

A habilidade é acentuada na capacidade de memorização, assim, a pessoa tem o mesmo destaque para fazer inferências e resolver problemas. O conteúdo é mecanizado. Por isso não faz parte do fenômeno das AH/SD”, afirma. É importante, também, entender que indivíduos com AH/SD não formam um grupo homogêneo, como mostram os mais recentes estudos a respeito da temática. São pessoas que podem ter diferentes habilidades cognitivas, bem como níveis diversos de desempenho: alta competência em várias áreas ou em única (GAGNE; GUENTHER, 2012).

Crianças com altas habilidades têm direitos garantidos por lei, e a escola

precisa estar ciente. Ainda conforme cartilha do Ministério da Educação, "ao contrário do que se possa imaginar, alunos com altas habilidades/superdotação podem ser reconhecidos pelo alto desempenho escolar, mas não são incluídos nas práticas pedagógicas escolares de alto nível. Eles, também, não têm 'acesso aos níveis mais elevados do ensino, da pesquisa e da criação artística, segundo as capacidades de cada um', como previsto na Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (MANI, 2016).

É quase senso comum que pessoas com capacidade intelectual superior teriam condições próprias de desenvolver-se, sem a necessidade de mediação. A realidade é que necessitam tanto quanto qualquer outra pessoa de atenção, orientação, estruturação e planejamentos adequados que deem sustentação ao seu desenvolvimento psicoemocional e organização cognitiva. Pais com capacidade intelectual mediana ou mesmo médio-superior e que possuem filhos com inteligência muito elevada, tendem a ter conflitos de sentimentos, dificuldades em lidar com eles e expectativas equivocadas (MARQUES, 2016).

Quantos não são os profissionais que atuam na sala de aula cuja prática os levou a pensar sobre a diversidade e com isso terem suscitado a possibilidade de encontrar estudantes com altas habilidades/superdotação (AH/SD)? Efetivamente, essas crianças estão inseridas no contexto educacional, mas algumas ideias equivocadas sobre o assunto impedem a sua identificação e o atendimento adequado ao seu desenvolvimento. Há muitos mitos recorrentes, como: a superdotação atrelada à genialidade; a incidência de superdotados somente na área acadêmica; a raridade do fenômeno; manifestação dos comportamentos, exclusivamente, em famílias mais privilegiadas (PESSANHA, 2015).

O conceito de gênero possui uma historicidade importante para compreender a construção dos sentidos e dos significados relacionados à feminilidade e à masculinidade, podendo justificar a forma como hierarquizamos e reproduzimos a dominação masculina. No âmbito da sociologia da educação, o entendimento desse conceito tem se mostrado muito útil para iluminar os mais diversos processos: as diferenças de trajetórias escolares entre meninos e meninas; as relações entre escola e família; as escolhas de carreiras diferenciadas por sexo; a indisciplina de alunos e alunas; as interações e brincadeiras entre as crianças; e a presença majoritária de mulheres na categoria docente (AMORIM, 2016).

Embora a literatura indique que o fenômeno da superdotação pode se

manifestar em crianças de gênero masculino ou feminino, as pesquisas demonstram que o número de homens identificados como AH/SD é significativamente superior ao de mulheres. Tal fato pode ser atribuído à cultura que permeia o gênero feminino, sendo que feminino e masculino são apontados como categorias opostas e hierarquizadas, visto que durante muito tempo as mulheres estiveram excluídas do universo acadêmico, sendo por vezes consideradas incapazes (ARAÚJO, 2016).

Renzulli (1986) destaca inicialmente dois tipos de superdotação. O primeiro, a que se refere como superdotação do contexto educacional ("schoolhouse giftedness") e o segundo a que chama de criativa-produtiva ("creative-productive"). Considera também que ambos os tipos são importantes, que há usualmente interrelações entre os dois e que se deveriam implementar programas para encorajar ambos os tipos. A superdotação do contexto educacional seria apresentada por aqueles indivíduos que se saem bem na escola, aprendem rapidamente, apresentam um nível de compreensão mais elevado e têm sido os indivíduos tradicionalmente selecionados para participar de programas especiais. O segundo tipo de superdotação, a que se refere como criativa-produtiva, diz respeito aqueles aspectos da atividade humana onde se valoriza o desenvolvimento de produtos originais

Professores, em geral, são incapazes de identificar e acolher crianças com altas habilidades, o nome técnico dado à superdotação. Por isso, os superdotados costumam ser rotulados como alunos problemáticos. Escolas sem recursos para responder às demandas desses talentos culpam as próprias crianças por desinteresse e transferem o problema para a família. Médicos e psicólogos sem traquejo para diferenciar crianças com transtornos de crianças com talentos acima da média prescrevem medicamentos e acompanhamento especializado – como se a superdotação fosse um caso de diagnóstico, e não de reconhecimento (BORBA, 2015).

Muitas pessoas pensam que o alto habilidoso não precisa de ajuda, afinal ele já sabe tudo. A situação dos altos habilidosos é agravada por estereótipos e preconceitos. A incidência de superdotação é maior entre negros e mulheres. Isso vai totalmente na contramão do que pensamos normalmente, que o alto habilidoso é homem e branco. Por isso é importante discutirmos essa questão ao lado da inclusão étnica e das questões de gênero, apontou.

### **3 METOLOGIA**

## Caracterização do Estudo

O presente trabalho será um tipo de pesquisa bibliográfica de abordagem qualitativa, do tipo estudo de caso, buscando analisar estudos que sustentam as discussões acerca da temática da altas habilidades/superdotação e o gênero feminino.

## População e Amostra

Para a construção do trabalho será efetuada uma busca geral por publicações que abordem o tema a automedicação na população idosa. Os trabalhos utilizados como pesquisa, serão artigos contidos na base de dados da Scielo, e na Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (BDTD). Serão utilizados como descritores para a busca dos artigos que farão parte da construção do trabalho: altas habilidades, superdotação, menina, gênero, estereótipos. Os critérios de inclusão usados na seleção dos artigos que farão parte do estudo, foram: publicações em língua portuguesa, que abordam o mesmo tema apresentando no presente trabalho. Os critérios de exclusão foram a respeito de artigos que não tratam sobre o tema “altas habilidades”.

## Instrumento e Coleta de Dados

O método escolhido para selecionar os artigos usados para a construção do trabalho, serão: título, sumário, resumo, artigo completo, referencias, seguindo os critérios de inclusão escolhidos.

## **4 CONSIDERAÇÕES FINAIS**

O conceito de inteligência passou por diversas mudanças ao longo do tempo, de cientista que realiza experimentos em seu laboratório a pessoas comuns. Hoje em dia uma pessoa considerada inteligente é aquela que possui habilidade de se relacionar, de solucionar problemas e se adaptar às mudanças na sociedade. Por outro lado, uma criança superdotada possui um nível de conhecimento elevado sobre determinado assunto ou atividade. Geralmente essas competências são hereditárias mas também se desenvolvem se o ambiente for propício a tal. Pode parecer difícil reconhecer um superdotado, mas de maneira geral, essas pessoas possuem facilidade de aprender coisas muito variadas e com rapidez.

Para que o aluno com altas habilidades desenvolva sua habilidade o professor da sala regular deve primeiramente identificar quais as áreas específicas do aluno para promover o crescimento de acordo com o ritmo, os interesses e as necessidades do mesmo; manter uma postura facilitadora no processo de aprendizagem; flexibilidade na conduta pedagógica favorecendo desafios que o motivem; estimular o aluno a construir novos conhecimentos para que o mesmo discuta sobre questões, ideias e fatos diversificados.

Ao término deste trabalho constatamos que há poucas produções nacionais que investiguem indivíduos do gênero feminino dentro do contexto da superdotação, o que evidencia uma dificuldade na identificação de meninas com AH/SD e pouca atenção sobre esta temática. Os estudos encontrados e discutidos revelam, de maneira geral, que aspectos culturais e sociais são fatores que dificultam a identificação e avaliação de estudantes superdotadas. Sugere-se não só uma reflexão levando em conta esses aspectos, mas também mudanças na formação dos profissionais que atuam na área.

## **REFERÊNCIAS**

ALMEIDA, Maria Amélia; CAPELLINI, Vera Lúcia Messias Fialho. Alunos talentosos: possíveis superdotados não notados. **Revista Educação**, Porto Alegre, v. 55, n. 1, 2005.

AMORIM, Rejane. **Os sentidos e significados do sucesso escolar**. Rio de Janeiro: Clube dos Autores, 2016.

ARAUJO, Maria José de. **As concepções dos professores acerca das políticas internas escolares para crianças com Altas Habilidades/Superdotação**. 2016. 163 f. Dissertação (Mestrado em Ciências da Educação) – Escola Superior de Educação Almeida Garrett, Lisboa, 2016.

AQUINO, Marisa Oliveira de. Avaliação dos aspectos analíticos, práticos e criativos da inteligência em alunos do ensino médio numa perspectiva da teoria triárquica de Robert Sternberg. **Percursos Acadêmicos**, Belo Horizonte, v. 5, n. 10. 2015.

BILIMÓRIA, Helena Cristina. Conceptualização de sobredotação: da inspiração divina à influência do contexto. **Revista de Psicologia da Criança e do Adolescente**, Lisboa, n. 4, 2011.

BORBA, Renata Siqueira Teixeira. Guia de Estudos e Identificação de pessoas com AH ou SD: **Rede de Apoio à Inclusão Escolar**, Niterói, 2015.

CORREA, Rosa Maria; DELOU, Cristina Maria Carvalho. AEE para alunos com AH ou SD: possibilidades e alternativas. In: CAMARGO, Ana Maria Facioli et al. (Orgs.). Política de Inclusão escolar e estratégias pedagógicas no AEE. Universidade Federal do Ceará. Ministério da Educação, Secretaria de Educação Especial, 2016.

GAGNÉ, François; GUENTHER, Zenita Cunha. Desenvolvendo Talentos: Modelo Diferenciado de Dotação e Talento – DMGT 2.0. In: MOREIRA, Laura Ceretta; STOLTZ, Tania (Coord.). Altas Habilidades/Superdotação, Talento, Dotação e Educação. Curitiba: Juruá, 2012.

MANI, Eliane Moraes de Jesus. Professores de sala de recursos: embates e desafios em Altas Habilidades/Superdotação. In: COSTA, Maria da Piedade Resende da; MASSUDA, Mayra Berto; RANGNI, Rosemeire de Araújo (Orgs.). Altas Habilidades/Superdotação: pesquisas e experiência para educadores. Rio de Janeiro, RJ: Wak, 2016.

MARQUES, Danitiele Maria Calazans. **Altas Habilidades/Superdotação: pesquisa e experiência para educadores**. 1. ed. Rio de Janeiro: Wak, 2016.

PESSANHA, Juliana Antunes. Altas habilidades na escola: curso de capacitação de professores. 2015. 108 f. Dissertação (Mestrado Profissional em Diversidade e Inclusão) – Instituto de Biologia, Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2015.